

Televisão e globalização: continuidades e mudanças

Rita de Cássia Souza Leal

Desde o seu surgimento, na década de 1930, a televisão provocou mais comentários e estimulou mais discussões que qualquer outra mídia na história. Ao inspirar quase tanta controvérsia quanto entusiasmo, houve pouco consenso sobre o potencial, o significado e as implicações da televisão. Alguns debates iniciais priorizaram a influência da televisão sobre a criança, o adolescente e o comportamento político social do adulto, enquanto outras focalizaram seu caráter educativo – ou seja, seu papel de informar ou desinformar, seus padrões de decência e bom gosto, os conteúdos e sua característica como veículo de entretenimento. Com a introdução do termo “aldeia global”, em 1960, pelo canadense Marshall McLuhan, seguido pela publicação *A Galáxia de Gutenberg* (1962), considerada maldita para uns, profética e iluminada para outros, em que o autor dirigia a atenção para as características intrínsecas de determinadas mídias, incluindo a televisão, o debate se ampliou, despertando o interesse de acadêmicos e estudiosos, constituindo-se posteriormente em um fértil campo de estudos.

Nos últimos anos no Brasil, talvez por influência das comemorações dos 50 anos da televisão brasileira em 2000, as discussões referentes ao tema ganharam maior atenção e visibilidade, comprovada, por exemplo, pelo mercado editorial do gênero que acusou um aumento significativo de publicações, com inúmeros lançamentos que vão desde curiosidades como biografias de atores, jornalistas, apresentadores, passando por coletâneas de artigos e histórias de bastidores, até pesquisas embasadas, que buscam analisar seriamente o cenário audiovisual brasileiro. Essa multiplicidade de enfoques, sem dúvida, é reforçada pela própria característica polissêmica do termo televisão, que pode ser analisada de várias maneiras, quer como um campo de saber, quer como instituição, quer como tecnologia ou produto cultural etc. Nesta etapa do desenvolvimento do sistema capitalista que recebeu a alcunha de globalização (por promover o entrecruzamento dos aspectos da sociedade, da economia, das telecomunicações e da cultura), verifica-se a presença de um discurso corrente que defende o surgimento de um novo setor em que a televisão, as telecomunicações e a informática interagem através das redes digitais, sendo este setor parte de um cenário global em que as regras são definidas a partir de uma mudança no sistema econômico-político do capitalismo ocidental, que incluem princípios universais como predomínio

CAPARELLI,
Sérgio;
LIMA, Venício
Artur de.
*Comunicação e
televisão –
desafios da
pós-
globalização*
São Paulo:
Hacker Editores,
2004.

do investimento privado e globalizado, livre concorrência, universalização do acesso e regulamentação flexível. Contudo, no universo televisivo brasileiro, embora eventualmente surjam iniciativas que apontam para algumas convergências, contraditoriamente, estas mudanças não operaram transformações efetivas. Como contribuição valiosa para o entendimento das especificidades da mídia nesse contexto, a editora Hacker publica a obra *Comunicação e Televisão – Desafios da pós-globalização*, (164 p.), de Sérgio Capparelli e Venício de Lima, sétimo lançamento da coleção Comunicação & Comunicação.

A parceria estabelecida entre estes dois especialistas e pesquisadores de primeira linha no campo da comunicação, é, por si só, um indicativo que assegura os rigores acadêmicos, éticos e políticos da referida publicação. Sérgio Capparelli é jornalista, escritor, detentor de vários prêmios por livros publicados na área da Comunicação e da Literatura. Pós-doutor pela Universidade de Paris, foi coordenador do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade do Rio Grande do Sul, onde atualmente é professor de Teoria da Comunicação. Venício A. de Lima é sociólogo, jornalista, autor de dezenas de artigos sobre mídia, política e cultura. Pós-doutor em Comunicação, foi fundador e coordenador do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política da Universidade de Brasília, pela qual é aposentado; consultor do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento no Ministério das Relações Exteriores, ocupou até janeiro de 2003, a função de coordenador de Pós-graduação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

No livro em questão, Capparelli e Lima elaboram um profundo exercício de esclarecimento sobre as práticas que vêm condicionando a televisão brasileira. Por meio da análise dos dados obtidos através de pesquisas realizadas na área, os autores procuram examinar as características recentes do campo da mídia, com prioridade para a televisão globalizada, sob a perspectiva da economia, política, cultura e das comunicações, diante da promessa de levar bem-estar e conforto ao maior número de pessoas. Além disso, os autores tentam explicar de que maneira a justificativa política dessa globalização contradiz as tensões mundiais depois do ataque às torres gêmeas do World Trader Center, antigo símbolo do capitalismo internacional.

Ao localizem suas análises no período que denominam de pós-globalização, Capparelli e Lima propõem um corte histórico que parte da reorganização internacional do capitalismo, depois dos anos 80, chegando até nossos dias, marcados pela digitalização da televisão aberta. Optando por priorizar a televisão como um dos setores mais importantes da comunicação, os autores, por meio de perspectivas de análise da economia política (globalização, oligopolização, concentração de propriedade) e com base neste novo cenário decorrente da reorganização internacional do capitalismo, buscam responder à seguinte questão: Essas

transformações representam continuidade ou mudança? Para responder a essa pergunta optam por dividir sua análise da televisão brasileira em duas etapas, com uma clara preocupação didática de proporcionar ao leitor uma melhor visualização das fases e da dinâmica histórica. Todavia, essa divisão não se apresenta claramente destacada em termos de conteúdo. Pelo contrário, a teia de relações engendradas entre interesses econômicos, políticos e sócio-culturais em que está imbricado o contexto das comunicações no Brasil, exigem retomadas que, ao contrário de sobrepor-se, especificam os distintos momentos da análise. Se, no primeiro momento, a reflexão passa pelo questionamento da globalização como condicionante de mudanças no caso nacional, o segundo momento prioriza a construção histórico-contextual do ambiente televisivo brasileiro. Os autores realizam uma radiografia da TV brasileira sob o ponto de vista das relações do meio com o poder e da elaboração da grade de programação. As relações da televisão com o poder e com o capital são tão duradouras e emaranhadas que, para os autores, não se trata mais de uma economia ou de uma política, e sim de uma economia política da televisão.

Na primeira parte do livro, intitulada “*As comunicações no Brasil pós-globalizado: continuidade ou mudanças*”, Capparelli e Lima problematizam os encontros e desencontros dos setores das telecomunicações, da radiodifusão e da imprensa nacional com o processo de “globalização planetária”. Suas análises apontam para o fato de que, embora à primeira vista estes setores pareçam estar em profunda mudança conceitual, no seu âmago manifestam mais sinais de continuidade que de ruptura. Partindo de uma análise integrada dos meios de comunicação no Brasil, a partir da contextualização e delimitação dos espaços tecnológicos, dos atores, da desregulamentação, da privatização e da concentração de propriedade que compõem o cenário televisivo nos ambientes internacional e nacional, os pesquisadores esmiúçam as particularidades das estruturas de propriedade da televisão brasileira, aferindo nesta primeira etapa, como projeto para o setor de comunicações no Brasil, um período marcado muito mais por continuidades do que por rupturas, ainda que existam pressões da sociedade, das novas tecnologias e das novas leis para a deflagração de mudanças.

Entretanto, em virtude das características históricas que constituíram, e ainda constituem, a estrutura organizacional do setor – incluindo o quase monopólio dos grupos familiares, a opção do Estado brasileiro em adotar políticas que não priorizaram o desenvolvimento tecnológico nacional, a crescente participação das elites políticas e a recente explosão das igrejas proprietárias de redes – Capparelli e Lima acreditam que “*independentemente do processo da (pós-) globalização e sua complexa relação com as comunicações, há de se reconhecer que a continuidade é o*

traço predominante – e deverá ser por ainda um longo período – sobretudo na radiodifusão” (p. 60).

Na segunda parte, intitulada “*A televisão e as transformações do capitalismo brasileiro: nos caminhos da globalização*”, os autores, reexaminando a história, analisam a televisão sob a ótica da atuação do Estado, do mercado, das relações entre televisão, poder e capital, compreendendo o exame da programação televisiva comercial, através das questões referentes à audiência e à qualidade dos conteúdos, da atuação dos movimentos sociais, das televisões alternativas e comunitárias e da Rede Pública de Televisão Educativa. Os temas são abordados pelo viés da economia política crítica, justificada pelo fato de que a televisão no Brasil se insere no interior de um sistema capitalista, onde as relações de poder político e econômico são exploradas. As análises realizadas pelos autores demonstram que, mesmo com a recente transição para um modelo democrático de Estado, conservou-se, no cenário das políticas de comunicação, a manutenção das elites já estabelecidas em todo país, à prática clientelista no âmbito estatal, a concentração de propriedade, a falta de pluralismo e a ausência de revisão das outorgas já concedidas. A soma desses fatores projeta para o setor a continuidade da exclusão social, embora as ações que estão sendo implementadas sejam revestidas de uma retórica de inclusão digital, interatividade e construção de cidadania. Buscando deflagrar um debate mais abrangente que aquele restrito aos especialistas da área, o livro dissecou o presente da principal mídia mundial, a TV, no confronto com os movimentos do passado, para a partir daí posicioná-la ante o capitalismo global.

O ponto mais vulnerável da obra reside na própria extensão do trabalho, que se vê impedido de abordar de forma mais aprofundada alguns tópicos. Contudo, esse senão é compensado por anexo denominado *Roteiro de Leitura*, com preciosas indicações de textos relacionados às questões relativas à globalização e comunicações.

Desta forma, o volume *Comunicação & Televisão: desafios da pós-globalização* não é apenas um livro destinado a pesquisadores atentos aos fenômenos comunicacionais, instigados, permanentemente, pelas complexas relações entre mídias, tecnologias, política, economia e poder. Trata-se de uma obra que se dirige a todos aqueles interessados no debate público e crítico da temática das mídias no Brasil, especialmente aos que visam compreender por que a difusão da cultura e da informação, em nível nacional, regional e local, é realizada sob a ótica dos interesses políticos e econômicos, e não da demanda real da sociedade.

RITA DE CÁSSIA SOUZA LEAL é jornalista, com especialização em Literatura Brasileira e atualmente aluna do Mestrado da ECO/UFRJ.